



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO HISTÓRIA
CURSO DE / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
HISTÓRIA LOCAL: SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

JOSÉ JOELSON MENDONÇA

**PRÁTICAS E RITUAIS SAGRADOS: FOTOGRAFIA NO
IMAGINÁRIO DAS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE CATURITÉ
(2008-2012)**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JOSÉ JOELSON MENDONÇA

**PRÁTICAS E RITUAIS SAGRADOS: FOTOGRAFIA NO IMAGINÁRIO DAS
BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE CATURITÉ (2008-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Estudos de História Local.

Área de concentração: Espaços, cultura e sociabilidades

Orientador: Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos

**CAMPINA GRANDE
2022**

S237p Mendonça, José Joelson.
Práticas e rituais sagrados [manuscrito] : fotografia no imaginário das benzedeiras no município de Caturité (2008-2012) / José Joelson Mendonça. - 2022.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.

"Orientação : Prof. Esp. Luiz Carlos dos Santos ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Signos. 2. Mito. 3. Fotografia. 4. Símbolo. I. Título

21. ed. CDD 401.41

JOSÉ JOELSON MENDONÇA

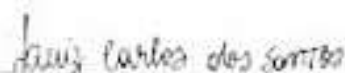
**PRÁTICAS E RITUAIS SAGRADOS: FOTOGRAFIA NO IMAGINÁRIO
DAS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE CATURITÉ (2008-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Estudos de História Local.

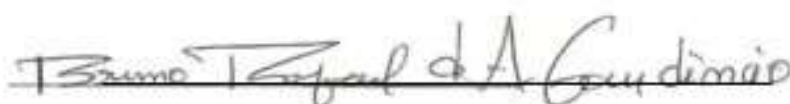
Área de concentração: Espaços, cultura e sociabilidades.

Aprovada em: 22 /10 /2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes
Universidade Federal de Roraima – UFRO

Ao meu pai José da Silva Mendonça, e a
minha mãe, Ana Maria Mendonça pelos
ensinamentos e carinho, DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Painel de imagens iconográficas de curandeiros e benzedeadas na comunidade de Caturité.....	11
Figura 2 – Maria das Mercês Nascimento Araújo. Benzedeadas no Sítio Caixa D'Água.....	19
Figura 3 – Benzedeadas no Sítio Bonita de Caturité (Amara Maria Cabral).....	20
Figura 4 – Antônia Filipe Gangorra – Tota Felipe. Benzedeadas.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2. Por entre as trilhas da ancestralidade: origens, memórias e culturas populares, diante das práticas de benzeções.....	08
2.1 Saber e prática de benzeção: Artes e poderes da fotografia no imaginário coletivo das benzedeadas do cariri.....	10
2.2 Prática e benzeção: sobrevivência, genealogia e comportamento social do mito na cidade de Caturité.....	15
3. Registro imagético: imagem e símbolo no imaginário das benzedeadas.....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
APÊNDICE	25
ANEXOS	26

PRÁTICAS E RITUAIS SAGRADOS: FOTOGRAFIA NO IMAGINÁRIO DAS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE CATURITÉ - (2008-2012)

José Joelson Mendonça^{1*}

RESUMO

A presente escrita narra a memória de três benzedeadoras e descreve a partir do “imaginário” dessas mulheres as narrativas históricas, para explicar, por meio das relações com as suas origens, os símbolos e as imagens, a forma como a fotografia ganha um caráter mágico no ato de benzer. Assim, compreender os preceitos e rituais dessas práticas de cura e cuidados com a saúde realizados por elas. Portanto, há um importante papel atribuído à fotografia nesse imaginário quando retratos são benzidos no lugar de pessoas: a atribuição de significados ultrapassa o papel icônico e atinge o universo do mito. Para o desenvolver desta pesquisa etnografia, utilizou-se da metodologia que consiste numa revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa e natureza exploratória, que de acordo com Gil (1999), o método utilizado foi o método da história oral por meio do qual evidencia-se a memória das benzedeadoras no contexto das práticas da cultura popular. Utilizou-se das obras de BRAGA (2009); HALBWACHS (1990); SANTOS (2009) e OLIVEIRA (1993) e tantos outros autores, que discutem com propriedade, estes procedimentos e que serviram de base para a metodologia desenvolvida, proporcionando um melhor entendimento desse método. De acordo com a literatura pesquisada, foi possível refletir sobre os saberes e práticas das benzedeadoras e o seu papel na sociedade, através das práticas ritualistas de cura na busca de gerar saúde e bem-estar ao indivíduo que as procuravam.

Palavras-chave: Signos; Mito; Fotografia; Símbolo.

ABSTRACT

The present writing narrates the memory of three faith healers and describes the historical narratives from the “imaginary” of these women, to explain, through the relationships with their origins, symbols and images, the way in which photography gains a magical character. in the act of blessing. Thus, understanding the precepts and rituals of these healing practices and health care performed by them. Therefore, there is an important role attributed to photography in this imaginary when portraits are blessed in place of people: the attribution of meanings goes beyond the iconic role and reaches the universe of myth. To develop this ethnographic research, we used the methodology that consists of a bibliographic review, with a qualitative approach and exploratory nature, which according to Gil (1999), the method used was the method of oral history through which it is evident the memory of faith healers in the context of popular culture practices. We used the works of BRAGA (2009); HALBWACHS (1990); SANTOS (2009) and OLIVEIRA (1993) and many other authors, who properly discuss these procedures and which served as the basis for the methodology developed, providing a better understanding of this method. According to the researched literature, it was possible to reflect on the knowledge and practices of faith healers and their role in society, through ritualistic healing practices in the quest to generate health and well-being for the individual who sought them.

Keywords: Signs; Myth; Photography; Symbol.

*Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - E-mail: jjoelson.mendonca@gmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo surgiu a partir de um olhar fotográfico em meio ao universo das benzedeadas¹, com a proposta de retratar o campo imaginário destas mulheres - através dos signos, rituais, mitos, crenças e simbolismos, em especial na cidade de Caturité². Porém, baseado em uma análise historiográfica, a partir do ensaio fotográfico das rezadeiras em meio aos olhares atento do historiador, buscando acrescentar novas e diferentes interpretações da história social em meio ao contexto da nova história cultural, que se evidencia as narrativas de memórias das benzedeadas a partir do enredo da história local. Mas, vale lembrar que a “história cultural” teve como objetivo identificar as práticas, rituais e símbolos em diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade social, que foi construída, pensada e dada a ler. Assim, investigar e analisar a história local das benzedeadas também significa identificar as relações de poder que permeiam esses espaços. No entanto, ao trabalhar com as narrativas de fontes orais, como qualquer outra fonte, não estaremos mais buscando alcançar e apresentar o passado como verdade absoluta. Por outro lado, isso não significa que um historiador que utiliza da História Oral não deva redobrar cuidados, elencando critérios e definindo caminhos para uma análise complexa de suas fontes.

Desta forma, resolvi fazer esse movimento em torno do universo das benzedeadas através da lente da minha câmera fotográfica, com objetivo capturar e registrar as práticas e rituais sagrados. Logo, em um país de forte tradição cristã como o Brasil, põe-nos frente a um conjunto de tradições (símbolos, rituais, costumes) que tendem a se constituir por meio da memória e história local. Portanto, buscar-se compreender as rezas, rituais e os símbolos utilizados pelas benzedeadas em curas populares inseridas no contexto das práticas de benzeções. Porém, considerando-se a tradição oral e o rito no processo de interação social, quando é estabelecido o diálogo com Deus, no intuito de obter-se a cura. Desse modo, este texto se constitui em uma espécie de ensaio de ego-histórico inspirado por outras iniciativas semelhantes de historiadores que resolveram narrar seus percursos intelectuais, de modo a possibilitar uma melhor compreensão de seu pensamento e de suas produções intelectuais a partir do papel das rezadeiras ou benzedeadas na sociedade contemporânea. Nesta dialética, compreendemos, assim como Caldas (2004):

A Ego-História é dos laboratórios do historiador: onde ele se enfrenta, se defronta, consigo mesmo, com sua trajetória, sua força e suas fraquezas. Deve fazer parte do processo de constituição do fazer historiográfico, do círculo hermenêutico (necessariamente ontológico) do historiador em busca de constituição do seu ‘objeto’, do seu campo de criação (CALDAS, 2004, p. 02).

Para Halbwachs (1990, p.53), o ofício das benzedeadas se constitui em um valioso elemento de pesquisa a partir da memória coletiva, pois são essas memórias que traduzem a cultura e a tradição. Portanto, poderíamos iniciar dizendo ser difícil trabalhar neste campo

¹ Adoto aqui o termo genérico “benzedeadas” para também designar homens que benzem, já que elas são absoluta maioria. Também chamo de benzedeadas o que em outros lugares poderia ser chamado de “curandeira”, “rezadeira” ou “raizeira”. No campo estudado, costuma-se chamar assim também os que curam, rezam ou receitam ervas.

² O referido município encontra-se localizado na Microrregião do Cariri Oriental paraibano, inserida na Mesorregião da Borborema, acerca de 160 km da Capital de João Pessoa, região de clima semiárido que representa áreas com altos níveis de desertificação.

imaginário tendo a Antropologia como imagem visual e um método, já que a fotografia é um instrumento de culto e poder. Assim, nesta busca por defrontar-se comigo mesmo, organizei este artigo basicamente em três partes. Em um primeiro momento percorremos nas trilhas da ancestralidade, para evidenciar a origem das práticas de benzeções e seus rituais, mediante os saberes e práticas culturais de benzimentos a partir dos conhecimentos empíricos dessas mulheres; no segundo momento expõe a arte de curar e o ofício de benzer, apoiando-se nas técnicas de imagens e métodos de rituais sagrados em meio ao ensaio fotográfico das benzedoras no contexto das práticas de cultura popular; por fim, no terceiro momento refletimos a respeito do universo religioso a partir das imagens, símbolos, mitos e lendas no imaginário das benzedoras.

2 POR ENTRE AS TRILHAS DA ANCESTRALIDADE: ORIGENS, MEMÓRIAS E CULTURAS POPULARES, DIANTE DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÕES

A benzedura é uma prática muito antiga que chegou na América, desde a época do Brasil colônia, e está presente até os dias atuais. Logo, esse período colonial foi marcado pelos possíveis surgimentos das práticas de benzeções no Brasil, esse contexto histórico evidencia fortes influências culturais de matriz africana (oriunda dos afrodescendentes que foram escravizados), dos saberes empíricos dos povos indígenas quanto à flora brasileira e seus rituais de cura. Porém, foi nesse período que as doenças e saúde eram equiparadas aos castigos e à dádiva divina, mais os recursos utilizados para combater as enfermidades se baseavam sobre viés religioso. Assim, eram realizadas as práticas de benzimentos, rituais nos quais mesclaram os saberes diante dos aspectos naturais de conhecimentos empíricos dessas mulheres de diferentes culturas (africana, indígena e portuguesa) e os múltiplos conceitos religiosos, como afirma a pesquisadora e historiadora Mary Del Priore (2001), que pontua:

A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administrava. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, a as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (DEL PRIORE, 2001, p. 89).

Segundo ainda com autora, essas práticas de rezas se originam diante do catolicismo oficial, que também são usadas no catolicismo popular e surgiram diante da necessidade de sanar os males do corpo físico e espiritual, através da força que carregam nas palavras sagradas capazes de levar a cura dos indivíduos que as procuram. Vale, salienta-se que as práticas de benzeções não devem ser consideradas apenas como uma derivação estrita do catolicismo, uma vez que elas dialogam com várias outras vertentes culturais, tais como as práticas dos aborígenes e africanos, sendo elas uma prática imersa do hibridismo religioso. Diante das origens e possíveis formações das práticas de benzeções de acordo com Santos (2015), nos afirma essa forte ligação das relações existentes entre as religiões de matriz africana e o catolicismo popular:

Não faltam histórias de senhores e senhoras de engenho que buscavam ajuda dos curandeiros africanos. Muito mais do que no terreiro de Umbanda, onde as pessoas vão buscar ajuda, essas relações entre o africano escravizado, a ancestralidade africana, o Catolicismo antigo e as referências identitárias dos afrodescendentes se fazem presentes na Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. (SANTOS, 2015, p. 145).

Essas relações imagéticas da Festa do Rosário estão entrelaçadas as práticas do

multiculturalismos que fazem presentes no raciocínio antropológico, a partir das agregações humanas diante da sociedade multicultural e pluriética, o Brasil apresenta uma complexa teia de questões de classe, gênero, etnia, religião e exercício de poder em que a cada momento uma mesma pessoa vive ângulos diferentes da mesma situação, demonstrando que todo ser humano sempre se vê inserido em um emaranhado de relações e identidades multiculturais independentemente da posição social que ocupa (BARTH,1998). Sendo assim, as práticas de benzeduras estão enlaçada os grupos étnicos, que são suportes de culturas em meio a essa diversidade étnica dos rituais e práticas benzeções que encontram-se vinculadas ao conjunto de práticas culturais dentro do catolicismo popular, muitas vezes ignorado pelo clero oficial (OLIVEIRA; SANTOS, 2009). Porém, vale salientar-se que esta prática é muito antiga, durante o período medieval cabia aos líderes religiosos como padres e clérigos, realizarem as práticas benzeções, sendo que estes passam a ser os detentores deste saber, de forma hierárquica, conforme nos apresentou Nogueira, Versonito e Tristão:

Tais práticas, quando não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica, eram perseguidas e condenadas pela Igreja e pelo Estado. Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces. Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha durante a União Ibérica (1580-1640), havia a ordem para que não se praticasse a benzeção sem a autorização da Igreja e do Estado. (NOGUEIRA, et al 2012, p. 168).

Assim, esta forma de saber acaba percorrendo uma cadeia hierárquica, onde os detentores do saber são aqueles ligados a Igreja Católica, o único órgão com autoridade sobre a saúde do corpo e do espírito. Este domínio da Igreja sobre a cura, acabou colocando várias mulheres nas fogueiras da inquisição, pois neste período, conforme nos mostra Elda Rizzo de Oliveira, as mulheres que praticavam curandeirismo, entravam em confronto com a autoridade da Igreja, e “por romperem com as normas, a ordem e os valores que a Igreja defendia, faziam desafios a ela” (1985, p. 18), e assim para defender sua autoridade sobre esta prática, eram consideradas como ligadas a bruxarias e perseguidas pela Igreja Católica. Além disso, em nome da instituição os padres e clérigos estabeleceram uma verdadeira guerra contra essas mulheres consideradas heréticas. Ainda no século XIII os líderes religiosos criaram a Inquisição³, também chamada Tribunal do Santo Ofício, para investigar, julgar e condenar os hereges. Sendo assim, as mulheres na idade média eram estigmatizadas como afirma Zordan, Harris (1979), que:

As mulheres eram estigmatizadas não pela figura das benzedoras, não obstante, denota a questão do feminino, a figura da mulher que por vezes é rotulada como um demônio, um ser do mal ou que o representa, algo diabólico, malévolo ou mesmo como a bruxa, tão somente por incorporar os ritos de cura, por dominar as artes das orações e poções com raízes, a salvação, libertação e por tornar - se agente da cultura local. (HARRIS 1978, P. 179).

Por causa disso, essas mulheres passaram a ser importunadas por desenvolverem atividades que na teoria pertencia sobre o domínio de exclusividade da medicina tradicional e da Igreja católica, as enfermidades humanas eram vistas como punição divina, logo passaram a ser perseguidas pelos poderes eclesiásticos e autoridades médicas no período colonial (CUNHA, 2018). Assim, as práticas de benzeções realizadas por essas mulheres, levaram cerca de dois séculos, para legitimar-se como boa, salutar e aceita na Europa. As tensões, no período medieval, sempre foram frequentes entre os líderes católicos, ao fazer essa diferenciação sobre

³ A Inquisição foi criada na Idade Média (século XIII) e era dirigida pela Igreja Católica Romana. Ela era composta por tribunais que julgavam todos os crimes de heresia. A Inquisição foi considerada um movimento político-religioso que ocorreu entre os séculos XIII ao XVIII na Europa e nas Américas. O objetivo era buscar o arrependimento daqueles considerados hereges pela Igreja e condenar as teorias contrárias aos dogmas do cristianismo.

o cristianismo⁴ e paganismo, essas práticas de semelhanças benzimentos já ocorriam e foram punidas duramente pela Inquisição (LUPI, 2010, p. 112). No Brasil, em especial na Paraíba estima-se que no período colonial, em decorrência da falta de médicos, essas mulheres se tornaram protagonistas das práticas de benzeções, elas carregavam um vasto conhecimento de propriedades medicinais de ervas que cultivavam nas hortas de suas casas. Logo, passaram a mesclar em suas preces e rezas, seus conhecimentos empíricos das forças das plantas medicinais ao manuseio de ervas, a fim de sanar os males físicos e espirituais em seu cotidiano para abrandar as enfermidades que assolavam seus ciclos familiares e sociais em meio aos espaços de suas comunidades.

Desta forma, as práticas e rituais de benzeções são realizadas por homens e mulheres, mas a grande maioria são mulheres que desenvolvem os atos de benzimentos. Elas buscam ajudar as pessoas, e são vistas como um bem gratuito evitando gastos com medicamentos e até mesmo por entender na sua realidade as dificuldades que se tem para o acesso ao atendimento médico em algumas regiões do nordeste. Logo, essas mulheres são vistas como alguém bastante importante em sua comunidade pelos relevantes serviços sociais prestados a sociedade, por meio do ofício da arte de benzer e curar. No entanto, consideradas mestres dos saberes, elas possuem os dons nas mãos e nas palavras, desempenham papéis de benzedoras e até de parteiras, foram responsáveis pelas práticas de benzeções, e por manter viva a cultura e tradição, através do carro-chefe da oralidade (SANTOS, 2009).

Desde modo, os rituais e práticas de benzeções são diversos, pois cada cultura, cada povo possui seus próprios ritos, com significados que fazem sentido para suas crenças e costumes (NOGUEIRA, et al. 2012, p.169). Segundo Oliveira (1985), as mazelas são inúmeras que são tratadas com as práticas de benzedura entre elas estão: cobreiro, quebranto, inveja, mau-olhado, dor de cabeça, espinhela caída, vento-virado, erisipela, dentre outras. Assim, destaca-se ainda, que cada rezadeira tem sua própria forma de benzer, essas doenças ou males, sendo que a cura só se realiza pela fé. O uso das plantas de ervas medicinais para produção de chás, banhos, infusões etc, se apresentam de forma complementar nos rituais, tais conhecimento sobre o uso delas complementam a ação das benzedoras dando lugar de reminiscências para a população local⁵.

No próximo capítulo, percorremos esse universo das benzedoras, em meios aos olhares atento do fotógrafo e historiador contemporâneo, que levou-me a historizar os rituais e práticas de benzeções a partir do campo da antropologia visual.

2.1 Saber e prática de benzeção: Artes e poderes da fotografia no imaginário coletivo das benzedoras do cariri

A benzeção foi utilizada como instrumento para identificar sua importância dentro do processo de (re)construção da identidade das rezadeiras, benzedoras, curandeiras que são definições de semelhanças para designar o ato de benzer. Assim, a arte de curar e o ofício de benzer dessas mulheres, parte da memória e tradição oral dos grupos étnicos, apoiando-se as técnicas e métodos, de rituais sagrados das benzedoras no contexto das práticas de culturas populares. Mas, ao percorrer esse universo das rezadeiras, logo percebemos que existem muitas

⁴ No século IV, o imperador Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Desde então, a prática religiosa pagã passou a ser denunciada e condenada pelos padres. Com medo de serem condenadas, as pessoas passaram a praticá-la de forma escondida, tornando-a cada vez mais oculta e privada. A prática pagã passou então a se refugiar nos cultos noturnos, na predição, na magia, no folclore, ou ainda, tentou revestir-se de uma aparência cristã. (LUPI, 2010, p. 112).

⁵(MARTINS; JOSEFINA, 2015; SANTOS, 2007).

narrativas históricas em torno de um mundo mágico criado pelas benzedeadas que transcende o mundo material para universo da espiritualidade, a fotografia neste universo ultrapassa o seu papel de ícone, de semelhança com a realidade, e a torna um mito, um habitante do imaginário, capaz de detectar seres do bem, com o poder de fazer o mal ou anunciar a morte, conforme narrada por Geslline Braga (2005):

Ao lado dos símbolos e ícones tradicionais (imagens, desenhos e pinturas de santos), a fotografia tem um importante papel dentro deste imaginário. Além de benzerem os retratos como benzem pessoas, algumas não se deixam fotografar porque dizem não aparece em fotografias, ou dizem aparecer com manto de santa ou porque acreditam que fotografias são fontes transmissoras de maus agouros e há também a lenda de uma fotografia que avisa a morte (BRAGA, p.253-280).

Assim, arte de viver e o saber das benzedeadas ou raizeiras se constitui esse precioso elemento da pesquisa empírica a partir da memória coletiva, ao recorrer a esses registros imagéticos nos trazem em nossas lembranças e recordações que traduzem as culturas e as tradições dos povos caririzeiros (HALBWACHS, 1990 P.53). Porém, vale salientar ser difícil trabalhar nesse universo imaginário tendo a Antropologia visual como um método, já que a foto é um instrumento de culto e poder. No entanto, o que poderia ser um problema, é objeto. Como fotógrafo, poderia tecer uma rede de lamentos por aqueles que não fotografei e já se foram, como é ilustrada no painel de curandeiros e benzedeadas que partiram do mundo material para universo da imaterialidade espiritual. Assim, cabe citar os curandeiros: José Nicolau da Silva (a); Sotero Ernesto do Rêgo (b) e as benzedeadas Elisa Marques Carneiro (c); Francisca Ramo (d) e Maria Filomena de Souza - Maria Faustina (e), homens e mulheres que atuavam nas práticas de benzeções, com seus cabelos grisalhos, mãos calejadas e rostos marcados pelo tempo, a(o)s curandeira(o)s do interior de Caturité trazem na sua história de vida um dom especial, que num misto de fé e prática da medicina popular, mantêm viva uma tradição cultural. Conforme a imagem ilustrada na Figura 1.

Figura 1 – Painel de imagens iconográficas de curandeiros e benzedeadas na comunidade de Caturité



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022)

Porém, esta escrita historiográfica não teve a intencionalidade de narrar ou fazer uma leitura das imagens iconográficas representadas nesse painel, mas falar com propriedade sobre os rituais e práticas de benzeções no campo da antropologia de imagem ou antropologia visual. Sendo que nesse primeiro momento é essencial entender o conceito da palavra antropologia⁶, que tem a sua origem no grego, o termo “antropo” vem de antropos, que quer dizer homem, e

⁶ Antropologia da imagem ou antropologia visual é um ramo da antropologia cultural, aplicada ao estudo e produção de imagens, nas áreas da fotografia, do cinema ou, desde os meados dos anos 1990, com as novas mídias digitais utilizadas em etnografia. Nasceu em meados do século XIX com a “era da reprodutibilidade técnica” e da expansão industrial. Voltada inicialmente para a documentação e preservação de práticas culturais ameaçadas, a antropologia de urgência, como se transformou ao longo do tempo em formas narrativas visuais, sonoras, audiovisuais e, mais recentemente, digitais.

a palavra “logia” vem de logos, referindo-se à razão ou estudo. Assim, podemos definir que a antropologia é uma ciência visual por excelência, por estudar o ser humano em seu sentido mais profundo e amplo no universo da etnografia.

Desta maneira, não é em vão que pensadores como Ettiene Samain (1995), indicam Malinowski como um dos precursores da Antropologia Visual, não pela qualidade de imagens, mas por ser detalhista nas descrições cinematográficas e pela sua frase que definiu conceito de observação do participante, que elege a participação como a melhor forma de observar as práticas de benzeções a partir dos múltiplos olhares atento do fotógrafo cinematográfico e do historiador contemporâneo, que nos levou a historizar os ritos das rezadeiras em meio a arte de curar e o ofício de benzer, através das imagens iconográficas de três benzedeadas no cariri paraibano. Sendo assim, de acordo com Braga (2009), entre as rezadeiras, até então, a melhor forma de participar tem sido fotografando.

Já imaginou Antropologia da imagem ou antropologia visual, se limita só aos registros fotográficos, como seria o campo da ciência antropológica no aspecto atual da pesquisa, em que os principais atores sociais não se deixam fotografar em meio ao cenário que se resume à casa e aos fazeres das rezadeiras, teríamos um resultado pouco expressivo do ponto de vista teórico e estético. Assim, abraçando a ideia de que não existe Antropologia que não seja visual à sua maneira, podemos considerar que aqui temos possibilidades múltiplas de leituras (BRAGA, 2009). No entanto, partindo do pressuposto de investigar as questões que envolvem os interlocutores de um ato de benzeção, ou seja, a benzedeadas e o consulente, procurando identificar qual o momento em que ocorre a mudança de footing⁷, o dinamismo do enquadre desta interação social (GOFFMAN; RODRIGUES-JÚNIOR 2002, p. 14). Logo, esse campo me oferece imagens a todo tempo, são as pessoas que trazem fotografias em mãos para serem benzidas, retratos que são deixadas como ex-votos de gratidão pela graça alcançada, existindo também os tabus em relação ao ato fotográfico em meios as práticas de benzeções.

A pesar disso, foram essas experiências etnográficas que me motivaram a trabalhar com outras percepções e olhares no campo da antropologia visual, e não só o simples registro fotográfico dos interlocutores em seus atos de benzeções, ou seja, a benzedeadas e o consulente, mas a partir de leitura que se pode fazer desses registros de imagens e dos álbuns de família que me apresentam – como alcançam a fotografia essa representação icônica, índice, sinal, símbolo, metáfora e metonímia. Assim, como pontua Gidley (1985:39) apud Scherer (1996:69), que a fotografia pode ser utilizada como um dado primário de uma primeira leitura de documentos com base antropológica e não como uma réplica da realidade, mas como representação imagética que necessita de leitura crítica e interpretação dos registros fotográficos.

Sendo assim, vale salientar que as fotografias é um elemento de valorização a cultura local, portanto a grande maioria das rezadeiras se deixa ser fotografada, para elas isto é algo de imenso valor. É como se os registros imagéticos dos retratos também as valorizassem ou as santificassem de alguma maneira. Assim, como afirma Collier (1973), que a representação visual é uma forma aberta de reconhecimento que o povo pode aceitar e compreender inteiramente, esse feedback, porém os registros visuais e imagéticos desse documentário de reconhecimento parece uma experiência aliciante.

Por isso, é inegável, que em muitos momentos não faço os registros fotográficos, pois

⁷ Adoto aqui o termo genérico “footing” para identificar o momento em que ocorre a mudança de footing, o dinamismo do enquadre desta interação social. De acordo com Goffman (2002, p. 107): Footing representa o alinhamento, uma postura, uma projeção pessoal em relação ao outro, consigo próprio e com o discurso em construção.”

acredito que este ato pode interferir no decorrer dos acontecimentos. Porém, como determinar se a presença do historiador é menos intrusa do que a máquina fotográfica? Nesse caso específico das rezadeiras, não há uma compreensão do que é uma pesquisa etnográfica, no curso de Pós-Graduação em História Local, mas quando estou tirando fotografias sou compreendido, é como se a minha presença tivesse uma finalidade que para elas não existe quando fico só observando.

Portanto, é notório a busca de legitimidade no campo da antropologia cultural, entre as rezadeiras a ser fotografadas, cada um tem uma forma como cada benzedeira ou benzedor manifesta seu exercício de fé e cura no presente representa o modo como se conecta com seu passado. Logo, não seria hipérbole afirmar que no caso desta pesquisa o ato fotográfico é mais importante do que o resultado impresso para as benzedadeiras. Em geral, os indivíduos preocupam-se como vão aparecer, em meio ao seu cotidiano a partir dos registros imagéticos. Segundo Braga (2009), salienta que o uso mais recorrente da fotografia entre as rezadeiras e os consulentes é nas bênçãos de retratos na ausência do indivíduo. Sendo que na maior parte das vezes, são mulheres que trazem a foto de filhos, maridos ou pretendentes. Assim, cabe apresentar, três entrevistas, em três consultórios diferentes, em três diferentes benzedadeiras. Diante das entrevistas foram possíveis resgatar e narrar diferentes histórias, por meio da história oral, considerando-se então, estes fatos como um sinal que conduz a uma primeira possibilidade de leitura.

Na residência da senhora Amara Maria Cabral, benzedeira muito conhecida em sua comunidade pela prática de benzer e curar, chega uma mulher acompanhada do filho, trazendo nas mãos um retrato da filha e do marido. A rezadeira olha em minha direção e benze as fotografias com o seu crucifixo, depois volta-se para mim e conta que o marido dela tem outra família, mais que está “doente”, ela vai chorar de tristeza ou de alegria, mas tudo vai acabar até o fim do mês de setembro, a mulher pergunta se o marido vai morrer, ela olha a cruz e fita o retrato e diz “pode ser”, mas tudo depende dos desígnios de Deus. Dona Amara, ganhou este crucifixo de sua mãe, que tinha sido presenteada por Dom Adauto de Miranda, primeiro arcebispo da Paraíba. Ela passou a usar o crucifixo em sua bênção e nele lê o que a pessoa tem: “Aparece escrito se é bichas, se é vermes, o dia e o mês que vai encontrar emprego”. Assim, como se pôde observar, as benzedadeiras constroem suas próprias lendas e mitos, que fazem parte de um imaginário singular. Assim, Laplantine (1997), afirma que, como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real, ou ainda que o imaginário é uma solução fantasiosa das contradições reais.

No segundo caso, uma mulher e o marido chegam com uma fotografia nas mãos na residência da rezadeira Antônia Felipe Gangorra, onde se vê na imagem dois jovens, próximo ao curral de gado em um campo descampado com cavalos. A mulher olha em direção da benzedeira e diz: “Dona Tota Felipe, (como era conhecida em sua comunidade), tive a oportunidade de vir aqui a quase duas décadas, mas não sabia na época que estava prenha e a senhora me disse que estava grávida de gêmeos e iam ser dois rapazes. Eles hoje estão com 14 anos”. A rezadeira olha na minha direção e foca os olhos na lente da minha câmara e diz: “Viu como eu vejo e sei das coisas! Ela me pergunta [referindo-se a mim] como eu vejo e eu conto pois eu olho e vejo e não tenho culpa”. A mulher continua que:

Estou trazendo a fotografia porque eles não podem vir (estão morando em outro local na zona rural da cidade de Boqueirão, perto da fazenda de Zé Gouveia, próximo do sítio Alagamar), e têm acontecido umas coisas, na semana passada o cavalo desse morreu, depois o outro foi laçar o cavalo, o laço pegou no pescoço, só não enforcou porque o cavalo parou, aí eu disse Meu Deus preciso benzer vocês.

No terceiro caso, uma mulher que o perdeu esposo em um acidente automobilístico e

estava viúva tinha pouco mais de 40 anos de idade, levou um retrato para benzedeira Maria das Mercês Nascimento Araújo, benzer a fotografia, eu pergunto a mulher, se posso fotografar a benzedeira benzendo a foto. A mulher não me autoriza fazer o registro fotográfico, a rezadeira se admira com a reação espontânea de negativa e intervém: “Mas benzendo você ele pode?”, mais uma vez se admira com a negativa é nesse momento em que rezadeira olhar para mulher e diz, voltando-se para o retrato: o seu esposo está aqui e está pedindo que você fique bem para que ele possa ficar em paz no mundo transcendental e que seu espírito possa descansar na eternidade, mas ela pergunta por que o homem do retrato que é meu marido não fala mais com ela. Depois das práticas de benzeções, a benzedeira conhecida como Dona Mercezinha, recomenda: “Tente falar com ele”.

Nestes três casos de narrados, observar-se alguns elementos, a partir de uma leitura imagética em torno das fotografias e dos atos fotográficos e do que é compreendido por ter uma visão sobre arte e cultura visual das práticas de benzeções, ver algo, como predizer o futuro, salienta-se Susan Sontag (1981), que fotografias são símbolos de ausência:

A fotografia não é só pseudopresença, mas, também, símbolo de ausência. [...] Todas as formas talismânicas de utilizar a fotografia revelam uma sensibilidade emotiva e implicitamente mágica: constituem tentativas de alcançar ou a reclamar posse de outra realidade (SONTAG, 1981:16).

Desse modo, antes de atribuir quaisquer poderes às fotografias, se faz necessário esclarecer que as imagens fotográficas são levadas para seres benzidas porque o próprio indivíduo lá não pode estar presente, pelo motivo da distância ou à resistência. Logo, nada mais é de que uma forma habitual do uso da fotografia como memória ou rememoração. O que vem em seguida afeiçoar-se nas leis que Frazer (1980), que passa elaborar e classificar a magia da simpatia: a “Lei do Contágio” e logo acreditamos que se pode interferir sobre relação com aquelas pessoas que tem contato, para influenciar primeiro, a “Lei da Semelhança”, diante da representação que se atua sobre a indivíduo.

Assim, como salienta Braga (2009), a fotografia, então, é utilizada ao mesmo tempo como um ícone que representa, pela semelhança com o real, e como um índice, a fotografia como resultado de um contato entre o consulente e os interlocutores, ou seja, nesse caso as benzedeadas. Por isso, neste ato de benzer fotografias, mescla-se o uso comum de fotos com as formas mágicas de atuação. Assim, Dona Mercezinha e Tota Felipe, salientam que em alguns casos é melhor a presença do indivíduo, especialmente nos casos de cura espiritual, porque onde as pessoas estiverem vão receber a bênção e pode ficar em transe e acontecer dela cair ou ter algum outro efeito espiritual.

Logo, a fotografia não é a única ferramenta para “benzer de longe”. Podem-se utilizar outros utensílios como carteiras de trabalho, roupa ou qualquer pertence do consulente como o próprio nome da pessoa. Todas as rezadeiras anotam nomes num caderno para fazer prece pelos indivíduos e seus parentes. Nesse sentido, Nilson Thomé (1997) e Jean Claude Bernardet (1979) salientam que São João Maria⁸, fazia o mesmo e carregava nas peregrinações pelos sertões enormes de pessoas que notava em seu caderno nas suas andanças. Assim como afirma Braga (2009), que:

O retrato é apenas uma versão moderna, talvez mais aprimorada para o antigo hábito. Outro fato que podemos notar nos relatos é a recorrência do fenômeno da vidência,

⁸ São João Maria é o nome pelo qual ficaram conhecidos três monges que passaram pela região sul do Brasil entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Tinham o caráter de curandeirismo ou de messianismo. O culto ao retrato de “São João Maria” é comum até hoje nas regiões Sul e Sudeste do Paraná. De acordo com alguns historiadores, entre eles Paulo Pinheiro Machado (2004).

através de “aparições” e “visões”, é possível ver o passado, prever o futuro, adivinhar diagnósticos e receitar a cura. Todas as benzedeadas dizem possuir este dom associado ao olhar. Aliando-se a isto, a maioria dos diagnósticos que fazem estão associados a olho gordo, olho grande, mal olhado e quebrante, todas patologias associadas ao olhar (BRAGA, 2009 p.321).

Desta forma, de acordo ainda com o autor, a fotografia é vista como um objeto de produto do olhar, tirada para ser vista, insere-se em todos os aspectos sociais e passa a assumir um objeto dotado de poderes mágicos. Mas, para Leach, seriam os erros do feiticeiro; desconsiderando esta hipótese do erro e consideramos esta perspectiva: as imagens fotográficas deixa de ser uma metáfora e torna-se metonímia, sendo possível atuar sobre a foto como se atua sobre a próprio indivíduo:

Em primeiro lugar, confunde um símbolo metafórico [...] com um signo metonímico. Depois, trata aquilo a que atribui valor de signo como se fosse um índice natural. Por fim, interpreta o presumível índice natural como sendo um sinal, susceptível de desencadear consequências automáticas à distância (LEACH, 1976 p. 44).

2.2 Prática e benzeção: sobrevivência, genealogia e comportamento social do mito na cidade de Caturité

As benzedeadas fazem parte de um grupo social, mas foi por meio da preservação da memória e de suas tradições, que contribuíram para manter viva sua identidade e sua cultura. Porém, foi através das narrativas de memórias das benzedeadas, que foram entrevistadas que procurou-se averiguar os diferentes olhares históricos, e como essas mulheres percebem e realizam essa prática de cura de modo a compreender o porquê elas identificam com essa prática de benzer. Sendo assim, iniciamos a entrevista perguntado às benzedeadas de onde vieram seus dons ou como aprenderam a benzer, a resposta confirma o caráter sincrético - mágico deste mito. A (seguir três depoimentos): a primeira entrevistada foi a rezadeira Amara Maria Cabral, iniciamos perguntando de onde surgiram e como foram adquiridos esses saberes? Assim, como afirmar Cabral (2008)⁹, que alegremente disse:

Surgiram na minha família, aprendi com a minha mãe e que aprendeu com os meus avós, eram tudo fio de índio que tinham muita sabedoria para passá, e eu sempre quis aprender, então sempre prestei muita atenção. Crédito de (CABRAL, 2008).

Foi a partir dos relatos de memória da benzedeadas Amara Maria Cabral, que percebemos que tem muita fé, sempre utilizando em seu corpo um crucifixo e um terço, quando não é em suas mãos está em seu pescoço, como símbolo da forte tradição cristã. Percebe-se que esse relato vem ao encontro com Oliveira (1985, p.15 -16) quando diz que “[...] O modo como cada profissional encaminha a sua benzeção releva a sua formação religiosa e sua visão de mundo, da qual a sua benzeção é uma das expressões”, assim entende-se que, cada benzedeadas tem a sua própria maneira de benzer, pois a cada uma foi dado um dom para curar. Para Oliveira (1985) o ato de rezar traz consigo grande simbologia, sobretudo quando levado em consideração o seu teor suplicante e solidário, no qual se objetiva proteger o enfermo dos males. Já o terço, nas palavras de (Moura 2009, apud NOGUEIRA, et al., 2012, p.169), possui valor de totalidade, ou seja, ao circundar a pessoa com o terço, a benzedeadas envolve-a em um círculo de cura, fechando o corpo para a doença e o mal.

A segunda entrevistada realizada com a senhora Antônia Felipe Gangorra, uma pessoa muito conhecida na sua comunidade pelo seu ofício de benzer e curar. Uma mulher que tem prestígio e reconhecimento diante dos moradores de sua comunidade pelas práticas de

⁹ Entrevista concedida pela rezadeira Amara Maria Cabral, ao Historiador e fotógrafo Joelson Mendonça, no dia 20/01/2008, às 16h.

benzeções. Ela, sempre conseguia retirar o “argueiro” ou “cisco” dos olhos dos indivíduos que os procuravam, com um lenço branco. Assim, quando questionada sobre as razões que levam a utilização desses preceitos. Gangorra (2010)¹⁰, afirma que:

Esse é um dom espiritual que consegui desenvolver ao logo do tempo, observando as pessoas mais antiga a praticar o ato de benzeção. Frisou que foi “vontade de fazer o bem, benzo as pessoas para ter mais saúde pela oração e fé, pois esse dom é dado por Deus. Crédito de (GANGORRA, 2010).

Para Oliveira (1993), a intuição que as benzedeadas possuem um chamamento espiritual ou um dom de benzer, significa que pode ocorrer em circunstâncias bem diferentes, como por exemplo: a constatação pode acontecer através de uma visão ou revelação por meio de um espírito ou uma divindade; pode ser mediante um “dom inato”; uma evidência e uma necessidade; pode iniciar como uma retribuição de uma graça alcançada, pagamento de uma promessa, pode também ter recebido um aviso ou escutado uma voz; uma necessidade, ou mesmo uma preocupação em ajudar o próximo; uma herança deixada por sua mãe, avó ou outras pessoas mais próximas; ou ainda por meio de uma cura obtida ou seja, uma graça alcançada na sua vida. Ainda no que concerne o aprendizado do ofício da benzeção mediante observações aprendidas desde a infância, a terceira rezadeira entrevistada Maria das Mercês Nascimento Araújo, conhecida por Dona Mercezinha, nos informou:

Nunca me ensinaram a rezar, eu estava com 7 anos de idade quando aprendi a rezar sozinha, a minha mãe me encontrou rezando as minhas calumbrias e bonecas de pano no quintal de casa de baixo do pé de limão e goiaba no sítio de Serraria onde moramos. Quando mãe me achou perguntou se eu já tinha preparados as formas d’água e emboicado nas tabuas, e também guardou os panos minha filha, já mãe fiz tudo isso! filha me der um abraço. Porque mãe a senhora quer esse abraço? mãe com lacrimas nos olhos, respondeu você nasceu para ser rezadeira igual a sua mãe. Ainda assim, quando ia num lugar, às vezes o povo ia e rezava... e eu colocava aquilo na cabeça, ouvia mãe e minhas tias rezarem eu botava aquilo na cabeça. A pessoa rezando e eu ouvindo, aquilo entrou na minha cabeça. Crédito de (ARAÚJO, 2010)¹¹.

O depoimento supracitado ilustra a discussão referente à importância da fala nas transmissões de saberes. Ainda assim, a Rezadeira Maria das Mercês N. Araújo, relatou sua experiência quanto ao aprendizado do ofício ressaltando a importância que as “mulheres da roça” tiveram. Ela fez questão de frisar que o aprendizado da benzeção foi uma aquisição feita ainda quando morava no Sítio de Serraria de Caturité, na época pertencente ao município de Boqueirão.

Diante das observações realizadas a partir do levantamento e análise de fontes historiográficas, percebemos que a grande maioria das benzedeadas relata que a percepção inicial do dom ocorreu basicamente de duas maneiras: através de uma revelação, ou seja, mediante uma experiência mística; ou por meio de um aprendizado, uma herança de família ou mesmo ensinamento por intermédio de amigos.

No entanto, a partir dos três relatos, foi mencionado quatro fatores incomuns diante das práticas de benzeções, dos quais, cabe citar:

- a) Os ensinamentos passados pelos antepassados que fazia curas, garantindo a continuidade do mito;
- b) O uso imagético de simbologias católicas para realizar as práticas benzeções;

¹⁰ Entrevista concedida por Antônia Felipe Gangorra - (benzedeadas), ao Historiador e fotógrafo Joelson Mendonça, no dia 08/03/2010, às 17h.

¹¹ Entrevista concedida por Maria das Mercês Nascimento Araújo - (benzedeadas), ao Historiador e fotógrafo Joelson Mendonça, no dia 10/04/2022, às 15h.

- c) Uma forte ligação com as crenças de outras origens: indígena, afro e espírita;
- d) A existência mediunidade dos dons espirituais para realizar as curas.

As três rezadeiras entrevistadas declararam ser membro da religião católica e não gostam de ser confundidas com curandeiras ou mães-de-santo. Assim, o ofício das benzedeadas sempre esteve associado às tradições religiosas, em sua maioria católicas, porém pertencentes ao chamado catolicismo popular, impregnado de símbolos imagéticos. No entanto, seus conhecimentos, suas experiências são repassadas de geração em geração, mas aos poucos está se perdendo esse ofício em nossa região. Nesse sentido, espero que possam contribuir planejando estratégias voltadas à preservação desses conhecimentos tradicionais, respeitando a história, a cultura, os valores, os desejos e os sentimentos desses mestres do saber.

Assim, falar sobre as origens das bênçãos é sensata para qualquer conhecedor da história das religiões: transcorre de rituais pagãos incorporados ao catolicismo popular, mais recorre a outras crenças de origens indígena, afro e espírita. Assim, as práticas benzeções fazem parte do imaginário das pessoas, através das rezas e rituais sagrados que é realizada por homens e mulheres, mas quem predomina este universo são as mulheres. Para Mircea Eliade “o prestígio mágico-religioso e, por consequência, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da terra-mãe”(1992, p.121). Portanto, mitos, ritos e costumes religiosos exóticos, passaram a fazer parte do mundo moderno entre o sagrado e o profano.

Segundo Roland Barthes, “o mito¹² é uma fala: uma comunicação, uma mensagem, significação, uma linguagem, portanto não é objeto da mensagem” e ainda: “O mito é escolhido pela história, não nasce naturalmente, a história transforma o real em seu discurso” (BARTHES, 1982, p.162). No caso das rezadeiras, tornaram-se um mito podendo ser considerada exóticas pelas pessoas, mas conseguiram sobreviver aos desígnios do tempo na memória coletiva de uma sociedade por ser tolerada. Parafraseando com Morin (1991), o mito, neste caso específico, é um desvio que se tornou uma tendência.

Desta forma, não foi só a tolerância garantiu a sobrevivência das rezadeiras até os dias atuais, de acordo com Morin (1991), e Eliade (1992), ambos afirmam que o homem não vê os mitos como criaturas do seu imaginário. Logo, esse pensamento está ligado a uma tradição, vinculada à oralidade, a uma crença que foi passada entre gerações. Sendo assim, “os seres espirituais e as divindades se multiplicam através das mil redes de comunicação humana, via discurso, a educação, o endoutrinamento, a palavra, o escrito, a imagem.” (MORIN, 1991, p.112). em síntese, a falação é o suporte do mito. (BARTHES, 1982, p.166).

Deste modo, as práticas e os rituais benzeduras estão ligados a uma tradição, mas as rezadeiras se “modernizam” para melhor atender a seus clientes. Foram desenvolvendo novas habilidades e novas rezas e ritos para “tirar o stress e a depressão” e até as doenças imunológicas como a cura da AIDS. Porém, há décadas que essas mulheres benzedeadas se utilizam das práticas de benzeções por telefone e fotografia, mais com a chegada desse universo digital, algumas conseguiram ampliar seu atendimento, passando incorporar outras ferramentas e aplicativos como WhatsApp para melhor atender as suas clientelas. No entanto, o objeto desta pesquisa – produtos da sociedade de consumo. Assim, “o mito faz exatamente o que se espera dele” (BARTHES, 1982, p.158).

Desse jeito, o mito das benzedeadas e todo o seu imaginário estão incorporados à sociedade, sendo parte dessa cultura, considerada patrimônio e deve ser preservada. É como assegura Ernest Cassirer (2003), vai mais além ao afirmar que,

¹² A palavra mito originou-se (do grega mythos), é uma narrativa fantástica que possui o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante para um determinado povo. A reunião dessas narrativas forma um conjunto de explicações sobre o mundo chamada de mitologia.

[...] a consciência teórica, prática e estética, o mundo da linguagem e do conhecimento, da arte, do direito e o da moral, as formas fundamentais da comunidade e do estado, todas elas se encontram originariamente ligadas à consciência mítico-religiosa.

Assim, as rezadeiras integrada à sociedade, são aceitas mesmo pelos padres e médicos, oponentes naturais a estas práticas. “O universo do mito e das ideias constitui uma noosfera¹³ relativamente autônoma, produzida pelas interações do multiculturalismo, vinculada a essa noosfera é indispensável à produção de qualquer grupo da sociedade humana.” (MORIN, 1991, p.174).

3 Registro imagético: imagem e símbolo no imaginário das benzedoras

As imagens sagradas estão presentes, em altares, em todos os locais onde são proferidas as bênçãos. Nas residências das rezadeiras há um cômodo reservado exclusivamente para elas. Sob a forma de estátuas ou pinturas, são representados por signos imagéticos como anjos e santos, assim cabe citar: Nossa-senhora de todas as cores e Jesus Cristo sentado à mesa, no Monte das Oliveiras, carregando a cruz, crucificado e o seu Sagrado Coração. Por isto, todas as imagens que foram mencionadas, são consideradas ícones de acordo com a classificação peirciana: “Um signo que se assemelha àquilo que significa [...]; um sinal que se refere ao objeto a que denota.” (PEIRCE, 1972, p.27). Segundo Brosso e Valente (1999, p.99), exemplificam que: “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja o seu modo de ser. Por exemplo, uma pintura ou uma estátua.”

Desta forma, qualquer expressão religiosa tem seus símbolos – ligadas aos aspectos de objeto por meio de associação de ideias, ou seja, de conceitos, como Brosso e Valente (1999, p.109) classificam como símbolo-romântico. Por exemplo, a cruz para os cristãos está associada à ideia da cruz carregada por Jesus Cristo e usada para a sua crucificação.

Assim, as rezadeiras utilizam símbolos católicos em suas práticas de bênçãos não só como uma convenção que exprime uma ideia, mas como instrumentos. A cruz, o rosário e a Bíblia (sem mencionar o seu conteúdo) são postos à frente das pessoas, como se estes símbolos se tornassem um canal transmissor dos santos a quem recorrem. “Ora, o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade, graças aos símbolos o mundo se torna transparente suscetível.” (ELIADE, 1991, p.113). Portanto, os significados dos símbolos estão ligados diretamente ao cristianismo, mas as rezadeiras não fazem uma menção a eles. Assim, como afirmam Laplantine e Trindad (1997) o símbolo, além de convencional, normativo, ultrapassa o referente. Neste caso específico, o significante prevalece sobre significado, formando um sistema que, no geral, remete à noção de algo “bento”, associado a milagres ou a cura e não aos significados cristãos.

¹³ A palavra na noosfera é termo inventado por Teilhard, a que Morin se refere em O Método IV, como o habitat de entidades feitas de substância espiritual e dotadas de uma certa existência. Nesta noosfera o mito se organiza e origina novas crenças. Entre essas crenças algumas se referem à foto “O mito faz exatamente o que se espera dele.” Como já mencionado, a imagem como representação é considerada dotada de poderes mágicos, portanto a fotografia que se assemelha ainda mais com real é conotada como algo também mágico: “[...] a ideia mais simples tem necessidade, conjuntamente, de uma formidável complexidade bio-antropológica e de uma hipercomplexidade cultural”. (MORIN, 1991, p.19).

Sendo assim, a origem destes símbolos cristãos segundo Mircea Eliade está no Judaísmo, que por sua vez os buscou em rituais pagãos greco-romanos, observando as imagens, figuras e temas mitológicos utilizados pelos autores cristãos: “Em resumo, a imaginação mitológica cristã toma emprestado e devolve motivos e argumentos específicos à religiosidade cósmica, já tendo, porém, sofrido uma reinterpretação no texto bíblico” (ELIADE, 1983, p.174). Em vista disso, um símbolo frequentemente utilizado é água benta, e possui um significado histórico para os cristãos, pois foi utilizada inclusive no batismo de Cristo. Segundo as rezadeiras, o que torna a água “benta” é uma bênção, conduzida por elas ou pelos padres.

As águas simbolizam a soma universal das virtudes: são fons et origo, o repertório de todas as possibilidades existenciais, precedem toda a forma e sustentam toda a criação [...] a emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal, a imersão equivale à dissolução de formas [...] a cosmogonia aquática corresponde, ao nível antropológico, às hilogênias: a crença segundo a qual o gênero humano nasceu nas águas (ELIADE, 1992, p.110).

Assim, outros símbolos também são utilizados em rituais e práticas de benzeções, como reza para tirar o sol da cabeça, a preferência é que se reze ao nascer do sol, mais em alguns casos se a pessoa não conseguir levantar cedo, a reza pode ser realizada ao entardecer antes do sol se pôr. Logo, a pessoa com a dor de cabeça senta-se de costas virada em direção ao sol, a rezadeira coloca uma toalha dobrada em quatro partes sobre o local dolorido da cabeça e sobre a mesma, uma garrafa transparente cheia de água com o gargalo sobre a toalha. Daí vai rezando com movimentos leves tocando no fundo da garrafa, ao terminar a água é derramada no chão ainda com a pessoa sentada. A Figura 2 ilustra a benzeira em seu ato de benzer e curar.

Figura 2 - Benzeira Maria das Mercês Nascimento Araújo - Sítio Caixa D'Água



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022)

As benzeiras sempre acompanhando destes símbolos mágico-religiosos, são entoadas preces e orações durante as bênçãos BROSSO, et al. (1999, p.107). Assim, essas palavras entoadas vão do conhecido Pai-nosso a orações inéditas: “Sem estas palavras sagradas, que desde o começo foram concebidas ao homem, este se sentiria completamente indefeso” (CASSIRER 2003, P.55). Nessas rezas são evocados Deus, Jesus, santos e até “almas milagrosas do purgatório”. Assim, cada atividade tem seu santo particular, porém outros objetos

são usados de forma mágica para alcançar a cura a que se propõem, como as ervas medicinais, além de serem receitas para a cura, são também usadas durante a bênção. Assim, sendo colocadas sobre a cabeça do “doente” enquanto é proferida a bênção, adquirindo um caráter mágico, tornando-se assim símbolos, pois representam a cura que as ervas, quando ingeridas, provêm. Porém, cabendo citar outros objetos como linha, a agulha e o pedaço de pano que Dona Amara M. Cabral, utilizava para “costurar rasgadura” (distensão muscular), repetindo três vezes: “O que eu coso? Osso quebrado, carne rasgada e nervo torcido”. Assim, como ilustra a Figura 3 - imagem da benzedeira.

Figura 3 - Benzedeira no Sítio Bonita de Caturité (Amara Maria Cabral)



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022)

Estas mulheres passam a ver estes objetos não como seu criador, mas como algo que existe com independência dotado de poderes próprios, a quem se deve adoração cultural e religiosa (CASSIRER, 2003). Assim, como pôde observar, as benzedeiros vão além do seu caráter representativo e contemplativo. Portanto, as imagens, são tocadas, passadas no corpo, beijadas e até consultadas. Também são utilizadas como ferramentas para bênções, assim como símbolos são impostados como um canal transmissor, como se a representação, por contiguidade, desse a elas um poder-mágico atribuído ao próprio santo. Portanto, esse o universo das benzedeiros é incorporado símbolos e ícones já presentes em cultos e ritos principalmente católicos, como podemos observar na Figura 4 que ilustra a imagem da benzedeira Tota Felipe, pedindo a proteção aos deuses e entidades.

Figura 4 - Benzedeira Antônia Filipe Gangorra – Tota Felipe.



Fonte: Rafael de Bilia (2018)

Deste modo, como pôde observar-se, as rezadeiras interpretam os signos que são utilizados em rituais e práticas de benzeções. Assim, dona Tota Felipe, conseguiu notoriedade por causa de suas ações humanistas na cidade e zona rural. Mas, foi através de suas práticas de benzimentos que alcançou fama e reconhecimento social. Ela, destacou-se por retirar argueiro dos olhos das pessoas, com um lenço branco. Assim, ao fazer leitura da fotografia, podemos perceber em sua mão esquerda, que está segurando um lenço branco, e com a outra mão direita está benzendo uma criança. Portanto, o mais interessante é que na sua casa existem imagens de santos nas paredes, mais também um painel para exposição de fotos, em sua sala com muitas fotografias de pessoas que foram agraciadas com a cura e libertação espiritual.

Por fim, as benzedeadas interpretam os signos fotográficos como ícones e índices. E vão além. Crêem que a fotografia é o próprio referente (objeto), quando benzem retratos na ausência do retratado. O culto e a crença aos ícones são conhecidos através dos tempos nas religiões. A fotografia, na sua condição de representação, ícone, é conotada automaticamente como algo mágico e milagroso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foram apresentados resultados baseados nas análises das fontes historiográficas a partir do universo imaginário das benzedeadas, sendo possível concluir que a maior parte dos objetivos propostos, para esta pesquisa, foram atingidos, pois a História Oral possibilitou tecer algumas reflexões acerca das práticas e das contribuições da benzeção na perspectiva das rezadeiras do município de Caturité. Portanto, com base nos resultados das entrevistas e na fundamentação teórica, foi possível resgatar e narrar diferentes interpretações da história social das benzedeadas, por meio da história oral e do ensaio fotográfico, em meio ao contexto da nova história cultural, que se evidencia as narrativas de memórias das benzedeadas a partir do enredo da história local.

Nesse sentido, cabe evidenciar, os registros valiosos dessas pessoas que conhecem as peculiaridades do mundo místico, com esses relatos e narrativas sobre diferentes ofícios, foi possível registrar um pouco de suas histórias, propiciando a sobrevivência dessa prática cultural a partir de suas vivências, seus preceitos, suas ações, rituais de cura. Sendo assim, essas rezadeiras desenvolvem importante ofício na comunidade pois além dos conhecimentos tradicionais, são mulheres simples, que herdaram esses conhecimentos de seus familiares, como mãe e avó.

Desta forma, vale salienta-se que a História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Assim precisamos ser mais criteriosos ao lidar com as fontes orais, buscando analisar o campo de atuação do ‘objeto’, para entender o que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re) construídas e externalizadas no momento da entrevista. Portanto, percorrer os caminhos das fontes históricas no campo da oralidade e memória coletiva, requer ao historiador cautela a aproximar-se do seu objeto a partir de um contato mais inter-subjetivo. É esse olhar na inter-subjetividade, que proporciona a relacionar etnografia percorrendo as áreas de conhecimento da antropologia e sociologia, por exemplo, que permitirá entender ou “pelo menos chegar mais próximo disso”, como aquelas verdades foram culturalmente construídas pelo sujeito histórico.

Nesse sentido, o ato da benzeção, assim como outras “tradições” pensadas pelo viés da cultura afro-brasileira e/ou africana está intimamente ligada a “palavra falada”. Na fala estaria a maior possibilidade de preservá-las. A tradição oral é entendida como grande responsável em imortalizar ensinamentos milenares, garantindo sua propagação para a posterioridade.

Deste modo, em todos os relatos o que se percebe não é só a existência da fotografia no imaginário, mas sua sobrevivência na noosfera como geradora de outras crenças. Além de ícone, índice, referente ao canal a fotografia torna-se um mito e símbolo imagético na feição dar escrita historiográfica, a partir da fala construída pelas fontes iconográficas, graças às suas características de representação e de traço da realidade.

Por fim, conclui-se que esta análise é apenas um ponto de partida, para um estudo embrionário que nos permite refletir sobre os saberes e práticas das benzedeadas e o seu papel na sociedade. Porém, essas práticas ritualistas de cura, busca gerar saúde e bem-estar ao indivíduo que as procuram.

FONTES PRIMÁRIAS

ARAÚJO, Maria das Mercês Nascimento - (benzedeadas), entrevista concedida entre os dias 10 e 14 de abril, às 15h. 2022.

CABRAL, Amara Maria - (benzedeadas), entrevista concedida entre os dias 20 e 25 de janeiro, às 17h de 2008.

GANGORRA, Antônia Felipe - (benzedeadas), entrevista concedida entre os dias 08 e 14 de março, às 17h de 2010.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras...In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. São Paulo: Edunesp, 1998.

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.
- BERNARDET, Jean Claude. 1979. **Guerra camponesa no Contestado**. São Paulo: Parma.
- BRAGA, G. G. **A fotografia no imaginário das benzedadeiras de Campo Largo**, Discursos fotográficos, v.1, p.253-280, Londrina, 2005.
- BRAGA, G. G. Notas sobre Antropologia Visual num campo tomado por imagens, **Revista Antropológicas**, ano 13, vol. 20, p. 315-337,2009.
- BROSSO, Rubens; VALENTE, Nelson. **Elementos de semiótica: comunicação verbal e alfabeto visual**. São Paulo: Panorama, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins. **Ensaio de Ego-História 1**. Primeira versão, ano II, n.140, v,IX, Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2004, p.02.
- CASSIRER. Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- COLLIER, John. 1973. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU.
- CUNHA, L. A.; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poética da voz e saberes de benzedadeiras. **Revista Brasileira de História das Religiões**. v. 9, n. 27, p. 189-227, 2017.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In. Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p.78-114.
- ELIADE, Mircea. **História das crenças e da idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIARDE, Mircea, **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FRAZER, James. 1980. La Rama Dorada: **magia y religión**. (Colección: Sociologia) México: Editorial Fondo de Cultura Economica.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap. 5.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990
- HARRIS, M., **Vacas, porcos, guerras e bruxas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LEACH, Edmund. 1976. **Cultura e Comunicação**. (Perspectivas do Homem) Lisboa: Edições 70.
- LUPI, J. Druídas, cavaleiros e deusas. Florianópolis: Insular, 2010. 288p.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. 2004. **Lideranças do Contestado**. São Paulo: Unicamp.
- MARTINS, C. K.; JOSEFINA, A. **O que cura: o benzimento ou o uso das ervas medicinais**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2l3Y7H9>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- MORIN, Edgar. **O método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa – América, 1991.
- MOURA, Elen Criarina Dias de. Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do

Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; Tristão, B.D. **O dom de benzer**: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Élisée, Revista de Geografia da UEG - Goiânia*, v.1, n.2, p.167-181, jul./dez. 2012

OLIVEIRA, A. S. de. Desvendando a religião e as religiões mundiais em Max Weber. **Horizontes antropológico**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 136-155, jun. 2009.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, cura e benzedura: um estudo do ofício de benzedeira em Campinas**. 1993. 220f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção** / São Paulo: Brasiliense; 1985.

PEIRCE, Charles Sander. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. **Estratégias discursivas de um pai-de-santo umbandista em possessão**. Dissertação de Mestrado. 173ff. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

SAMAIN, Etienne. 1995. „Ver“ e „dizer“ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, 1(2):23-60.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: **religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar**. *Revista CPC*, v. 8, p. 6-35, 2009.

SANTOS, F. V. **O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SCHERER, Joana. 1996. Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. **Cadernos de Antropologia da Imagem**, 2(167):69-79.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THOME, Nilson. **São João Maria na história do Contestado**. Caçador: Universidade do Contestado, 1997.

APÊNDICES

Apêndice 01: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA Nº _____ DATA: __/__/__ Historiador e pesquisador: José Joelson Mendonça

Questionário que foi aplicado para coleta de informações sobre as práticas de benzeções na comunidade de Caturité.

Dados Gerais:

Nome completo; Idade; Etnia; Religião.

1. A quanto tempo o (a) senhor (a) é rezadeira ou rezador?
2. Quem lhe ensinou o ofício das práticas de benzeções?
3. Qual o significado dessa arte de benzer e curar os indivíduos que os procuram?
4. Qual a importância de benzer as pessoas na ausência do cliente, através das imagens fotográficas ?
5. Por que a fotografia é considerada uma das ferramentas para benzer de loge, existem outras formas de benzeções na ausência do cliente?
6. Qual a importância desta prática para a comunidade local?
7. Quais os tipos de problemas que as pessoas procuram curar através de suas rezas?
8. Qual o perfil e classe social das pessoas que lhe procuram para rezar?
9. Você cobra pela prática de benzeção?
10. A religião tem o poder de curar alguém?
11. Quais os tipos de doenças podem ser curadas com as práticas de benzimentos?
12. Existe uma reza específica para cada problema de saúde ?
13. Qual a importância da fé das pessoas diante benzeções e práticas de cura?
14. Qual a importância das imagens consideradas sagradas pelo (a) benzedeiro (a) no cômodo de sua residência ?
15. Pretende ensinar essa arte e seu ofício para outras pessoas?

ANEXOS - ARTE DE CURAR E O OFÍCIO DE BENZER PELO (A) BENZEDEIRO (A) NA COMUNIDADE DE CATURITÉ

Registros iconográficos



Figura 5 – Igreja Nossa Senhora da Conceição – na cidade de Caturité – (2022)



Figura 6 – Antônia Filipe Gangorra – Tota Felipe. Exercendo a sua prática de benzer e curar



Figura 7 – Benzedeira Elisa Marques Carneiro na comunidade de Caturité



Figura 8 – Benzedeira e Parteira Maria F. de Souza. Conhecida na região de Caturité como Maria Faustina



Figura 9 – Benzeadeira Francisca Ramos do Sítio Ramada de Caturité



Figura 10 – Benzeideiro Sotero Ernesto do Rêgo Sítio Bonita de Caturité



Figura 11 – Rezador José Nicolau da Silva de Caturité



Figura 12 – Benzeadeira Maria das Mercês N. Araújo – sítio Caixa D'água

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Mendonça da Silva e Ana Maria Mendonça e aos meus filhos, Iliana Letícia Duarte Mendonça, Igor Emanuel Duarte Mendonça, e José Leonardo Mendonça em especial, a minha esposa Ana Maria Duarte Mendonça que me fizeram entender, com ternura de seus corações, que sou capaz de vencer pelas minhas mãos, e também pela paciência que tiveram, me ajudando de todas as maneiras possíveis e contribuindo de forma decisiva para que este momento fosse possível.

Venho agradecer de forma especial aos meus irmãos, Maria Joselma Mendonça, Maria Aparecida Mendonça, José Josinaldo Mendonça, Maria Joseane Mendonça, Maria José Mendonça, Ana Sâmara Mendonça, Ana Sabrina Mendonça, que acreditam na minha capacidade intelectual que Deus me consagrou através da pesquisa e produções historiográficas. Também, aos meus avós que não estão mais entre nós, Maria Torcata Gouveia e José Gouveia Filho, nos quais tiveram sempre prontos para me ajudar.

Aos familiares e amigos das benzedeiças Maria das Mercês Nascimento Araújo, Amara Maria Cabral, Antônia Filipe Gangorra, Elisa Marques Carneiro, Maria Faustina de Souza, Francisca Ramos e dos curadeiros José Nicolau da Silva, Sotero Ernesto do Rêgo, que nos deram o prazer de conhecer um pouco mais de suas práticas, e pela paciência que tiveram me ajudando na realização das entrevistas.

O professor Dr. Juvandi de Souza Santos, que agiu como verdadeiro amigo nesta Jornada, dando-me oportunidade de crescer intelectualmente, e a todos os demais professores que contribuíram para a minha formação, como os inesquecíveis Hilmária Xavier, Bruno Gaudêncio, Iordan Queiroz Gomes.

Ao meu Orientador Me. Luiz Carlos de Sousa, por sua dedicação, amizade, compressão e gentileza.